



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

ANA PAULA DE SOUSA COELHO DA SILVA

O PLANTÃO PSICOLÓGICO: UM ESTUDO DE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

**CAMPINA GRANDE-PB
2023**

ANA PAULA DE SOUSA COELHO DA SILVA

O PLANTÃO PSICOLÓGICO: UM ESTUDO DE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Bacharelado em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Psicologia.

Orientador: Profa. Dra. Emily Souza Gaião e Albuquerque

**CAMPINA GRANDE-PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586p Silva, Ana Paula de Sousa Coelho da.
O plantão psicológico [manuscrito] : um estudo de revisão bibliográfica / Ana Paula de Sousa Coelho da Silva. - 2023.
16 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Emily Souza Gaião e Albuquerque, Departamento de Psicologia - CCBS. "

1. Plantão psicológico. 2. Abordagens psicoterápicas. 3. Formação profissional. I. Título

21. ed. CDD 158.1

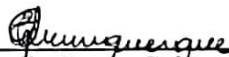
ANA PAULA DE SOUSA COELHO DA SILVA

O PLANTÃO PSICOLÓGICO: UM ESTUDO DE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Bacharelado em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Psicologia.

Aprovado em 16/03/2023.

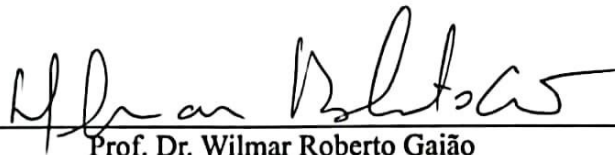
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Emily Souza Gaião e Albuquerque (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Carla de Sant'Ana Brandão Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Wilmar Roberto Gaião
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

É impressionante o que as pessoas lhe dizem quando você está disposto a ouvir. (PETERSON, 2018, p. 243)[†]

[†] PETERSON, Jordan B. Presuma que a pessoa com quem está conversando possa saber algo que você não sabe. *In*: PETERSON, Jordan B. **12 regras para a vida**: um antídoto para o caos. Tradução Alberto G. Streicher e Wendy Campos. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018. p. 243-266.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA E A ORIGEM DO PLANTÃO PSICOLÓGICO	7
2.1 O plantão centrado na pessoa	8
3 OBJETIVOS	8
3.1 Objetivo geral	9
3.2 Objetivos específicos	9
4 METODOLOGIA	9
5 DISCUSSÃO	9
5.1 Abordagens teóricas que fundamentam a prática do plantão	10
5.2 Contextos de oferta do serviço	10
5.3 A prática do plantão e a formação profissional em psicologia	12
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	14
REFERÊNCIAS	14

O PLANTÃO PSICOLÓGICO: UM ESTUDO DE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA
EMERGENCY PSYCHOLOGICAL INTERVENTION: A BIBLIOGRAPHIC
REVIEW STUDY

Ana Paula de Sousa Coelho da Silva*

RESUMO

O plantão psicológico é um serviço que busca atender, de modo urgente, demandas emocionais e psicológicas. Trata-se de uma modalidade interventiva que surgiu no Brasil no final da década de 60. Assim, este trabalho tem como objetivo discutir a produção acadêmico-científica sobre o plantão psicológico no que concerne às perspectivas teóricas e metodológicas que podem orientá-lo e aos contextos nos quais pode ser ofertado. Para tanto, foi feita uma revisão bibliográfica de caráter descritivo que culminou na constatação de que a Abordagem Centrada na Pessoa, como embasamento teórico que deu origem ao plantão, continua sendo uma das perspectivas teóricas mais utilizadas nesse tipo de intervenção. Entretanto, a literatura aponta práticas exitosas orientadas por outras perspectivas teóricas e metodológicas, como a Terapia Cognitivo-Comportamental e a Psicanálise. Verificou-se, ainda, que o plantão pode ser realizado em diferentes contextos sociais. Além disso, constatou-se a importância dos atendimentos em plantão psicológico para a formação em psicologia.

Palavras-chave: Plantão psicológico. Abordagens psicoterápicas. Formação em psicologia.

ABSTRACT

An emergency psychological intervention is a service that urgently seeks to meet emotional and psychological needs. This is an intervention modality that emerged in Brazil at the end of the 1960s. Thus, this work aims to discuss the academic-scientific production on emergency psychological intervention in terms of theoretical and methodological perspectives that can guide it and the contexts in which it can be offered. To this end, a descriptive bibliographical review was carried out, which culminated in the finding that the Client-Centered Therapy, as the theoretical approach that gave rise to emergency psychological intervention, continues to be one of the most used theoretical perspectives in this type of intervention. However, the literature points to successful practices guided by other theoretical and methodological perspectives, such as Cognitive Behavioral Therapy and Psychoanalysis. It was also verified that an emergency psychological intervention can be carried out in different social contexts. In addition, the importance of an emergency psychological intervention for training in psychology was verified.

Keywords: Emergency psychological intervention. Psychotherapy approaches. Psychology training.

*Graduanda em Psicologia (UEPB)

E-mail: anapsoelhos@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A psicologia, enquanto ciência e profissão, mostra-se ativa em diferentes contextos, buscando acompanhar as mudanças que ocorrem na sociedade de modo a contribuir para lidar, dentre outras coisas, com o sofrimento emergente. Nesse sentido, as modalidades interventivas na área foram adaptando-se para atender às necessidades que surgiam. Dentre as diferentes formas de intervenção, encontra-se o plantão de escuta psicológica.

Define-se como plantão psicológico a “intervenção psicológica que acolhe a pessoa no exato momento de sua urgência, ajudando-a a lidar melhor com seus recursos e limites” (DOESCHER e HENRIQUES, 2012, p. 718). Trata-se de um serviço com diversas potencialidades, como promoção de saúde, intervenção terapêutica e atendimento de urgência e emergência (TASSINARI e DURANGE, 2011).

No Brasil, a implantação desse serviço foi inspirada nas experiências do modelo de “*walk-in-clinics*”, presente nos Estados Unidos nas décadas de 70 e 80, que tinha como objetivo prestar atendimento emergencial à comunidade (MAHFOUD, 1999 apud TASSINARI e DURANGE, 2011). Assim, no contexto brasileiro, Rachel Rosenberg foi a responsável pela implantação do primeiro serviço de plantão psicológico, a qual ocorreu no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), no ano de 1969 (TASSINARI e DURANGE, 2011).

Por se tratar de um serviço pontual e que coloca à disposição de quem precisa um profissional ou estudante sob supervisão (no caso de estágio ou extensão) capacitados para atendê-lo no momento da necessidade, o plantão psicológico apresenta-se como uma forma eficaz de atendimento a aqueles que buscam ou necessitam ser escutados com urgência.

À vista disso, a escolha por abordar tal tema neste trabalho é justificada pela importância do serviço de plantão como atendimento emergencial, sendo relevante considerar o que tem sido produzido na literatura científica voltada para essa temática. Vale frisar, ainda, que a psicologia tem sido solicitada a responder a demandas sociais que, pela complexidade destas, exigem a interação com diferentes áreas do conhecimento, tipos de serviços e políticas públicas, o que torna necessário a inserção de profissionais da psicologia em contextos distintos. Assim sendo, o plantão é uma alternativa diante de tal solicitação, permitindo que a psicologia seja inserida em outros espaços, além de viabilizar encaminhamentos para demais serviços que podem ser úteis ao usuário.

Isto posto, esta pesquisa tem como objetivo geral discutir a produção acadêmico-científica sobre o plantão psicológico. Para tanto, foi feita uma revisão bibliográfica de caráter descritivo. Além disso, como objetivos específicos, pretende-se analisar as perspectivas teóricas e metodológicas que podem orientar o plantão psicológico e identificar em quais contextos este pode ser ofertado.

Este trabalho está estruturado da maneira descrita a seguir. Na seção intitulada *Abordagem Centrada na Pessoa e a origem do plantão psicológico*, é feita uma exposição do embasamento teórico que deu origem ao plantão, bem como é feita uma caracterização do plantão psicológico centrado na pessoa. Na seção seguinte, cujo título é *Objetivos*, são retomados os objetivos geral e específicos. Já na seção *Metodologia*, é assinalado o tipo de pesquisa. Na parte de *Discussão*, como o próprio título sugere, é tecida a discussão dos artigos obtidos com a pesquisa. Por fim, são feitas as considerações finais.

2 ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA E A ORIGEM DO PLANTÃO PSICOLÓGICO

De acordo com Tassinari (2003), o plantão psicológico pode ser entendido como um desdobramento da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), uma vez que preserva características da psicoterapia centrada na pessoa e dos grupos de encontro. A ACP é uma das abordagens humanistas em psicologia. Tendo sido concebida em 1940 pelo psicólogo Carl Ransom Rogers (1902-1987), tal abordagem abrange uma concepção particular do ser humano e das relações interpessoais, ultrapassando os limites da clínica. De acordo com ela,

O ser humano tem a capacidade, latente ou manifesta, de compreender-se a si mesmo e de resolver seus problemas de modo suficiente para alcançar a satisfação e eficácia necessárias ao funcionamento adequado (ROGERS e KINGET, 1977a, p. 39).

Além de possuir essa capacidade, o ser humano possui, também, uma tendência para exercê-la. Ambas são inerentes a todo ser humano, excetuando-se os casos em que “este tenha lesões ou conflitos estruturais que não lhe permitam defender-se nas condições ordinárias da vida” (ROGERS e KINGET, 1977a, p. 39). Essa capacidade não é decorrente de uma aprendizagem especializada e faz parte da bagagem natural do indivíduo. Porém, a sua atualização não acontece de maneira automática. Dessa forma, para que a atualização dessa capacidade ocorra é preciso um contexto de relações humanas positivas, que favoreçam a conservação e a valorização do “eu”. É devido à tendência à atualização que as potencialidades do indivíduo podem ser desenvolvidas, de forma a atingir a conservação e o enriquecimento do organismo (ROGERS e KINGET, 1977a).

A teoria rogeriana considera as forças de crescimento e centra-se nos recursos internos da pessoa. Desse modo, o terapeuta ocupa uma posição secundária e não é responsável pela mudança terapêutica. A ele cabe o papel de colaborador e facilitador durante o processo de terapia. Na prática dessa abordagem há uma preocupação com o aspecto humano e pessoal, de tal maneira que as condições de trabalho do terapeuta centrado na pessoa são entendidas em termos de atitudes. Isso significa que, na interação com o cliente, determinadas atitudes precisam ser testemunhadas e experimentadas pelo terapeuta. Essas atitudes são chamadas de facilitadoras, quais sejam: capacidade empática, autenticidade e consideração positiva incondicional, sendo elas essenciais para a relação terapêutica (ROGERS e KINGET, 1977a; ROGERS e KINGET, 1977b).

A capacidade empática diz respeito à apreensão dos aspectos cognitivos e emocionais da experiência do outro, o que é possível a partir de um esforço, por parte do terapeuta, em participar dessa experiência e buscar apreendê-la do ponto de vista do cliente. A autenticidade, por sua vez, está relacionada a um acordo interno entre a experiência e a sua representação na consciência, de forma que o terapeuta experimente verdadeiramente aquilo que expressa. Já a consideração positiva incondicional refere-se a atitude de tolerância, de aceitação e de respeito pelo outro. Isso não significa, no entanto, concordância ou aprovação (ROGERS e KINGET, 1977a; ROGERS e KINGET, 1977b).

Na ACP, a concepção de atmosfera terapêutica, refere-se às características gerais da situação que devem estar presentes para que de fato ela seja terapêutica. Essas características são a segurança e o calor. A segurança está concatenada à manutenção de uma situação livre de ameaças à percepção que o indivíduo faz de si mesmo, na qual ele possa se expressar de maneira autêntica. Já o calor está relacionado à atitude afetiva por parte do terapeuta. Em síntese, o processo de mudança e crescimento pessoal só pode ser proporcionado em uma atmosfera que possua as duas qualidades mencionadas (ROGERS e KINGET, 1977a). Dito isto, importa saber como é caracterizado o plantão centrado na pessoa.

2.1 O plantão centrado na pessoa

Nesse plantão, como em qualquer modalidade interventiva alicerçada na ACP, a pessoa é o centro. Assim, ao plantonista não cabe o papel de dirigir o processo de mudança, mas sim o de acompanhar o cliente durante esse processo. Pode-se dizer que a sua atuação é caracterizada pela prática de atitudes. Assim sendo, são postas em prática as atitudes facilitadoras. Conforme Souza e Souza (2011, p. 246),

Plantonista e cliente, conjuntamente, buscam na vivência imediata deste, suas potencialidades que precisam ser desveladas. A escuta e o interesse do plantonista em ajudar o cliente desempenham função primordial. Ao ser acolhida por intermédio das atitudes facilitadoras do plantonista, a partir da relação intersubjetiva estabelecida com este, a pessoa experiencia um ambiente de segurança que facilita a abertura a novas possibilidades de compreensão de si, e começa então a integrar elementos que estavam fragmentados em seu ser, iniciando um processo de mudança.

Nesse sentido, Tassinari e Durange (2011, p. 58), ao abordar o tema, ressaltam, ainda, que

O Plantão Psicológico pode ser um serviço com eficiente aplicação da Psicologia e da Abordagem Centrada na Pessoa, permeado pelas atitudes facilitadoras do profissional, que fornecem um ambiente "ideal", bem como a possibilidade de, em um único encontro, a pessoa conseguir clarear a sua demanda, ou seja, uma compreensão mais nítida (e mais verdadeira) de como se compreende em determinada situação.

Nota-se que não só as atitudes facilitadoras são importantes, mas também o ambiente que é criado a partir delas. Trata-se de um ambiente sem ameaças à noção de “eu” — ou seja, ao conjunto organizado e mutável de percepções reconhecidas pelo indivíduo como descritivas de si mesmo e que constituem sua identidade (ROGERS e KINGET, 1977a) — e seguro o suficiente para que a pessoa possa mostrar-se tal como é.

A presença de alguém, nesse caso o plantonista, que se interessa genuinamente pela pessoa que o procura, que a aceita tal como ela se apresenta naquele momento e a escuta sem julgamentos, faz toda a diferença quando se tem a intenção de acolher aquilo que vem do outro — o que nem sempre pode ser aprazível, já que o que a levou até ali muitas vezes está relacionado à experiência de um sofrimento agudo. Permitir-se, nessas condições, ser um facilitador é, certamente, a demonstração de uma postura empática. A compreensão por empatia é um elemento característico da ACP e permite ao plantonista não somente compreender a outra pessoa a partir do entendimento do sentido de sua fala, mas também em um nível mais profundo em que é possível “ver o mundo com os olhos dela”.

Vale salientar que o plantão psicológico, a despeito de ter sua origem concatenada à Abordagem Centrada na Pessoa, é um tipo de intervenção estabelecida na psicologia, permitindo que profissionais de diferentes abordagens teóricas se dediquem a ele. Desse modo, é importante conhecer o que tem sido compartilhado na produção acadêmico-científica voltada para esse campo de atuação.

3 OBJETIVOS

Os objetivos geral e específicos deste trabalho são indicados a seguir.

3.1 Objetivo geral

Discutir a produção acadêmico-científica sobre o plantão psicológico.

3.2 Objetivos específicos

- Analisar as perspectivas teóricas e metodológicas que podem orientar o plantão psicológico; e
- Identificar em quais contextos o plantão psicológico pode ser ofertado.

4 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica, de caráter descritivo, a qual foi realizada por meio de buscas nas bases de dados Google Scholar (<https://scholar.google.com.br>), Redalyc (<https://www.redalyc.org>) e SciELO (<https://www.scielo.org>). Considerando a acessibilidade, optou-se pela busca de materiais disponibilizados de forma *online* e gratuita, sendo feita uma seleção livre e discutidos artigos publicados no período de 2007-2021. A escolha por esse tipo de divulgação científica explica-se pelo fato de o artigo ser de natureza concisa e direta, facilitando os processos de análise e discussão, sem contudo deixar de proporcionar uma visão ampla do que tem sido produzido em determinada área.

5 DISCUSSÃO

A produção acadêmico-científica sobre o plantão de escuta psicológica permite compreender o processo de constituição dessa modalidade de intervenção e o modo como as práticas nesse campo têm sido realizadas.

Percebe-se que o plantão tem se constituído como um serviço com propósitos definidos, possuindo, portanto características próprias que o diferem das outras intervenções psicológicas. De acordo com Tassinari (2003), o plantão psicológico pode ser definido como

(..) um tipo de atendimento psicológico que se completa em si mesmo, realizado em uma ou mais consultas sem duração predeterminada, objetivando receber qualquer pessoa no momento exato (ou quase exato) de sua necessidade, para ajudá-la a compreender melhor sua emergência e, se necessário, encaminhá-la a outros Serviços. Tanto o tempo da consulta quanto os retornos dependem de decisões conjuntas do plantonista e do cliente, tomadas no decorrer da consulta (p. 11).

Além disso, conforme a autora citada,

(...) entendemos o Serviço de Plantão Psicológico como uma atividade de promoção da saúde, já que a escuta do plantonista visa possibilitar que a pessoa se situe melhor naquele momento e consiga verbalizar sua urgência, clareando para si mesma aquilo de que necessita, podendo, portanto, evitar o acúmulo da ansiedade. Acreditamos que ser atendida no momento de sua necessidade, por iniciativa própria, estimula o cuidado consigo mesma, atingindo, assim, os objetivos da prevenção primária (p. 12).

Sendo assim, o que se propõe, nesse caso, é a oferta de uma escuta qualificada por meio de uma atenção psicológica eventual, ou seja, pretende-se atender a urgências e

emergências psicológicas e emocionais em um encontro que pode ser único no sentido de que não há obrigatoriedade de retorno.

Quando colocado em prática, o plantão pode ser orientado por diferentes abordagens teóricas e ser inserido em diferentes contextos sociais, além de contribuir para a formação e atuação em psicologia.

5.1 Abordagens teóricas que fundamentam a prática do plantão

Souza e Souza (2011) investigaram a produção científica sobre Plantão Psicológico no Brasil entre 1997 e 2009. Como resultado, no que se refere ao enfoque teórico, verificou-se que 94,74% dos materiais obtidos abordavam o plantão a partir da Abordagem Centrada na Pessoa; 2,63% dos materiais tinham como orientação a Psicodinâmica e a ACP e outros 2,63% baseavam-se na perspectiva da Abordagem Comportamental e da ACP. Para as autoras,

Acredita-se que os trabalhos de enfoque teórico misto sinalizem um princípio de pesquisas no sentido de estabelecer diálogo entre a Abordagem Centrada na Pessoa (que fundamenta teoricamente o Plantão Psicológico) e outras abordagens, no caso a Psicodinâmica e Comportamental, tentando, assim, preencher lacunas da prática do Plantão (p. 245).

De modo geral, constata-se que ainda há o predomínio da ACP na prática do plantão. Tal predomínio pode ser explicado devido à origem do plantão psicológico, que está diretamente associada à referida abordagem.

Nesse sentido, tendo como fundamento a ACP, podem-se citar as propostas de Palmieri e Cury (2007), Tassinari e Durange (2011), Vieira e Bóris (2012), Costa et al (2020), Monteiro e Bezerra (2020) e Souza e Neto (2020).

A literatura evidencia, também, que outras perspectivas, além da centrada na pessoa, são utilizadas. Pode-se encontrar práticas fundamentadas na perspectiva Fenomenológico-Existencial como mostra Gonçalves, Farinha e Goto (2016); na Psicanálise como apresentado por Daher et al (2017) e na Terapia Cognitivo-Comportamental como a proposta de Medeiros et al (2021). Dessa maneira, vê-se que pesquisadores têm compartilhado práticas exitosas guiadas por outros enfoques teóricos.

Essa diversidade teórica evidencia a plasticidade desse tipo de serviço. Além disso, assinala um maior interesse dos psicólogos em explorar as potencialidades do plantão e de ampliar o seu alcance.

5.2 Contextos de oferta do serviço

Considerando o seu caráter de atendimento psicológico emergencial, o plantão pode ser ofertado em contextos diversos e ser direcionado a públicos também diversos. Assim sendo, constata-se que diferentes espaços suportam a estrutura de um serviço de plantão psicológico.

É possível ver a implantação desse serviço destinado aos funcionários de um Hospital Geral como apresentado por Palmieri e Cury (2007). O hospital referido pelas autoras era privado e atendia clientes conveniados. As intervenções realizadas eram orientadas teoricamente pela Abordagem Centrada na Pessoa (ACP).

Furigo et al (2008) também trata de um exemplo de implantação do serviço de plantão, a qual ocorreu na Clínica-Escola da Universidade do Sagrado Coração (USC), em Bauru-SP,

com atendimento voltado para a comunidade por meio de uma experiência em estágio supervisionado.

De modo semelhante, Tassinari e Durange (2011) relatam uma prática em estágio supervisionado. Tal prática foi realizada no Morro da Mangueira no Rio de Janeiro por intermédio de uma parceria entre a Clínica Escola de Psicologia Humanista da Universidade e o Centro Cultural Cartola. A experiência em questão foi fundamentada na ACP.

Outrossim, vale pontuar que a comunidade da escola pode usufruir dos benefícios desse tipo de atenção psicológica. Gomes (2012) descreve a experiência do estágio de Plantão Psicológico da Universidade Paulista (UNIP), em São José do Rio Pardo-SP. O serviço, ofertado em uma escola municipal de ensino fundamental, destinava-se à comunidade escolar (professores, funcionários, pais e alunos) como também ao entorno da instituição.

Vieira e Bóris (2012) apresentam o serviço de plantão oferecido na Universidade Federal do Pará (UFPA), tendo como fundamento a ACP. No artigo, os autores versam sobre a possibilidade de interlocução entre o plantão e as políticas públicas e enfatizam a importância do conhecimento de tais políticas por parte dos psicólogos no intuito de apontar outras alternativas quando a escuta não for suficiente. Nessa mesma direção, pode-se fazer referência a Souza, Barros Neta e Vieira (2012), que discorrem sobre as relações da Psicologia Clínica com as políticas públicas, mais especificamente com as políticas de assistência social, mencionando, como exemplo, o plantão oferecido pela Clínica-Escola da Universidade Federal do Pará.

No âmbito da assistência social, Mota e Goto (2009) apresentam o serviço de plantão psicológico em um CRAS (Centro de Referência da Assistência Social), em Poços de Caldas-MG, enfatizando a preocupação do Curso de Psicologia da PUC Minas em romper barreiras com o fazer clínico tradicional, o qual é pautado no paradigma de atendimento em consultórios particulares, e ir em direção a uma concepção de clínica ampliada, viabilizando a atuação em outros contextos para além do consultório. Essa preocupação em romper barreiras com a clínica tradicional foi igualmente demonstrada por Bezerra (2014), reportando-se, entretanto, ao contexto escolar. Dessa forma, o autor faz uma reflexão sobre o plantão psicológico como modalidade de atendimento em Psicologia Escolar e toma como referência a concepção de clínica ampliada e a correlação desta com o plantão. Ainda, o autor destaca a plasticidade do plantão e a possibilidade de adequação a diferentes contextos sócio-culturais

Gonçalves, Farinha e Goto (2016), por seu turno, relatam um exemplo de plantão oferecido na Atenção Primária. Os autores destacam os atendimentos em formato de plantão realizados em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) sob a perspectiva Fenomenológico-Existencial. Trata-se de uma experiência de estágio viabilizada pela parceria entre a universidade e a UBS.

Na extensão universitária enquanto espaço de formação, o plantão se apresenta como uma modalidade de intervenção passível de ser concretizada. Nesse sentido, Daher et al (2017) discutem a prática realizada por meio de um projeto de extensão em uma universidade pública, evidenciando as contribuições da escuta psicanalítica.

Nessa mesma direção Souza e Neto (2020) dão ênfase a experiência extensionista e tiveram como objetivo compreender os sentidos do processo de atendimento na formação clínica dos estudantes que participam do Núcleo de Acolhimento e Escuta Psicológica (NAEPSI) no ano de 2016 na Clínica-Escola de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O serviço citado tem como enfoque a ACP. Como resultado, após a análise do material de estudo — nesse caso as Versões de Sentido (VS) de cada sessão escrita pelos plantonistas —, foram identificados 20 sentidos distribuídos em quatro eixos, a saber: Aspectos Relacionais Positivos (Tranquilidade, Satisfação, Interesse pelo Cliente e Segurança na Relação); Aspectos Relacionais Negativos (Ansiedade, Angústia, Identificação com o Cliente, Irritação, Dificuldade de Deixar o Cliente, Frustração, Indisponibilidade, Julgamento

e Insegurança na Relação); Aspectos Processuais Positivos (Segurança, Expectativa para o Retorno, Confiança, Percepção e Correção da Postura Terapêutica); e Aspectos Processuais Negativos (Problemas com o a Priori, Insegurança e Confusão de Sentimentos). Como conclusão, perceberam a ambivalência de sentidos na vivência do processo de aprendizagem e a importância da extensão como primeiro espaço de desenvolvimento das condições facilitadoras no acolhimento emergencial do sofrimento psíquico.

Monteiro e Bezerra (2020) refletiram sobre os processos de implantação e implementação de um Serviço de Plantão Psicológico Centrado na Pessoa na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e na DPE-MA, que foi viabilizado a partir de um projeto de extensão. Os autores se referem ao serviço como um espaço que é, de forma concomitante, de cuidado populacional e de formação profissional, reforçando a imprescindibilidade de uma base teórico-metodológica consistente.

Ainda no espaço da extensão universitária, pode-se citar Costa et al (2020) que relatam a experiência em plantão de escuta psicológica ofertado pelo Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) orientado teoricamente pela ACP e com atendimento aberto à comunidade. Como expansão do referido projeto extensionista, o serviço passou a ser ofertado para servidores na Administração Central da UEPB com foco na atenção à saúde do trabalhador, para crianças ou adolescentes em possível condição de alienação parental com atendimentos realizados no Ministério Público do Estado, além de ofertar o serviço no Programa LABITI (Laboratório Itinerante), que se constitui por um conjunto de projetos de extensão em saúde responsáveis por realizar ações em Campina Grande-PB e em outros municípios.

Medeiros et al (2021) fornecem um exemplo de plantão cognitivo-comportamental realizado na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) durante o contexto de pandemia da Covid-19. Os atendimentos voltavam-se para a comunidade acadêmica e para a população em geral e ocorriam por meio da plataforma *Google Meet*. A proposta dos autores torna visível a plasticidade do plantão, não apenas por essa experiência ter como embasamento teórico a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), mas também por ter sido efetivada mediante o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Os autores ressaltaram que na época, dada a necessidade de distanciamento social, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) regulamentou a prestação de serviços psicológicos por meio dessas tecnologias durante o período de pandemia (Resolução CFP nº 04/2020).

Ao se considerar as experiências em plantão descritas anteriormente pode-se perceber a tentativa, por parte dos profissionais de psicologia, de desenvolver intervenções mais contextualizadas, o que vai ao encontro do compromisso social adotado pela ciência psicológica. A respeito desse compromisso social, tais experiências o evidenciam uma vez que se inserem em lugares variados e são resultantes de análises críticas de determinadas conjunturas. Desse modo, a partir do momento em que os profissionais da área são capazes de perceber que há demandas sociais legítimas que ainda não recebem a devida assistência, suas práticas podem ser repensadas e, na esfera do plantão, isso não é abdicado.

Levando-se em conta os locais onde essas práticas ocorreram, pode-se ver que, em vários estados do Brasil, o plantão tem se constituído como uma modalidade de intervenção psicológica para a qual a categoria profissional tem se voltado e demonstrado interesse não apenas em colocá-la em prática, mas também em aperfeiçoá-la, o que é fundamental para o avanço científico nesse campo.

5.3 A prática do plantão e a formação profissional em psicologia

Scorsolini-Comin (2015) objetivou conhecer as principais pesquisas e intervenções realizadas na área do plantão psicológico no período de 2000 a 2014. Dentre os resultados de

sua pesquisa, sobressaíram-se os estudos empíricos e de caso e os relatos de experiências profissionais. Em relação aos relatos de experiências realizadas em serviços-escolas de Psicologia, o autor assinala que os estágios não aparecem necessariamente associados a uma disciplina de formação no campo do aconselhamento psicológico ou do plantão psicológico ou como uma disciplina-estágio. A respeito disso, o autor enfatiza que

Essa característica pode significar que o plantão psicológico constitui uma modalidade de atendimento difundida e ensinada nas universidades de modo aplicado, a partir das experiências em estágios, o que coloca em xeque a transmissão dos conhecimentos teóricos acerca do campo. Ainda que os estágios possuam conteúdos teóricos dos quais os alunos devam se apropriar, observa-se que o plantão se apresenta ao psicólogo em formação como um campo essencialmente de prática, vivencial, o que pode relegar a um plano de menor destaque à pesquisa científica a respeito do tema (p.167).

Ao refletir acerca dessa observação, feita pelo referido autor, pode-se sinalizar a necessidade de o conhecimento teórico sobre o plantão ser abarcado em outros momentos da graduação, antecedendo as práticas de estágios — sendo importante para familiarizar o graduando com a modalidade de atendimento e diminuir a ansiedade que é comumente sentida por eles, principalmente quando se trata de um serviço que lida com urgências.

Ainda, na pesquisa em questão, observou-se que a formação profissional do estudante de psicologia é um dos aspectos abordados na maior parte dos estudos. Dessa forma, a prática em plantão psicológico revela-se como um importante ponto de partida para reflexões relativas à formação profissional do plantonista, especialmente nos casos em que o serviço é ofertado nas clínicas-escolas.

Paparelli e Nogueira-Martins (2007) buscaram compreender e refletir sobre a formação do psicólogo, tendo como recorte um estágio desenvolvido em plantão psicológico que ocorreu em uma clínica-escola de uma universidade particular na zona leste de São Paulo. Os resultados mostraram que a inserção do estudante no serviço de plantão fomentou desilusões e rupturas permitindo um novo olhar para antigas questões, além de explicitar a necessidade de questionar e avaliar as práticas cotidianas.

Em relação a contribuição dos atendimentos em plantão para a formação do estudante, Costa et al (2020) frisam que

(...) a amplitude do plantão de escuta psicológica ao tempo em que atende a necessidade emergencial da comunidade por apoio psicológico, também capacita estudantes para o exercício profissional orientado para a promoção da saúde pautada na ética, no exercício da cidadania e na orientação para a busca da garantia dos direitos humanos, através da reflexão crítica dos problemas que afligem a população e da oferta de serviços disponíveis para atendê-la adequadamente (p. 147).

No que diz respeito à oferta desse tipo de serviço por meio de estágios ou extensão, percebe-se que ela possibilita que a formação do estudante de psicologia seja mais abrangente, uma vez que novas oportunidades de atuação são dadas, do mesmo modo que impulsiona o papel social do profissional de psicologia.

Destaca-se que a atuação do estudante plantonista pode ser permeada por diferentes sentimentos e concepções que influenciam o modo como percebem a si mesmos em suas intervenções, o que é passível de compreensão já que ainda estão passando pelo processo formativo. Se, por um lado, isso pode ser prejudicial — a depender da natureza desses sentimentos e dessas concepções —, por outro lado, a consciência do que experienciaram pode levá-los em direção a uma construção mais positiva no sentido de aquisição de uma

postura profissional coerente e sólida. Por isso, não se pode prescindir de observar com tento o que as produções científicas tem compartilhado no tocante a isso.

Sendo assim, os resultados que advêm dessas práticas são úteis para o aprimoramento das intervenções efetivadas nesse campo, tendo em vista que novas necessidades podem ser identificadas, estimulando o surgimento de novas propostas de operacionalização do plantão. Dito isto, atentar para o que tem sido produzido na literatura da área é parte essencial desse processo e pode, inclusive, se constituir como o primeiro passo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante o que fora exposto, entende-se que o plantão é uma modalidade de intervenção psicológica que se caracteriza, essencialmente, pelo atendimento de urgência e emergência. É uma prática que pode ser efetivada em contextos sociais diversos e que, embora seja originalmente fundamentada na ACP, a literatura científica da área aponta intervenções orientadas por outras perspectivas teóricas para além da abordagem humanista.

Existe um aspecto do plantão de escuta que se sobressai: a escuta permite clarificar qual é a demanda da pessoa acolhida. Há casos nos quais a queixa trazida não é de origem psicológica ou emocional, exigindo, portanto, outro tipo de auxílio para ser melhor assistida. É justamente nesse ponto que se constata a possibilidade de diálogo entre o plantão e outros serviços, o que pode ocorrer, por exemplo, através de encaminhamentos..

Além disso, é vista a busca do serviço pela população, que muitas vezes precisa de uma atenção psicológica mais pontual e acessível àqueles que não podem — ou mesmo não necessitam devido a natureza de suas demandas —, se empenhar em um processo psicoterápico, que é uma intervenção terapêutica que se estende por um período de tempo maior. Soma-se a isso, a importância do acesso da comunidade ao serviço de forma gratuita. Nessa direção, as parcerias e os diálogos entre as instituições de ensino superior e outros serviços são essenciais, permitindo uma assistência que compreende a pessoa em sua integralidade, além de promover saúde.

Salienta-se que a possibilidade de atuação dos estudantes como plantonistas, por meio de projetos de estágio e de extensão, pode ser vista como um aspecto importante da formação em psicologia, concedendo ao graduando a oportunidade de experienciar encontros singulares e de tornar-se disposto a lidar com o inesperado quando a profissão assim exigir.

Este trabalho teve como objetivo principal discutir a produção acadêmico-científica sobre o plantão psicológico a partir de uma revisão bibliográfica descritiva e, levando-se em conta a exposição feita, acredita-se tê-lo alcançado.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Edson do Nascimento. Plantão psicológico como modalidade de atendimento em psicologia escolar: limites e possibilidades. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 14, n. 1, p. 129-143, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844507008.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.

COSTA, Carla de Sant'Ana Brandão et al. Plantão de escuta psicológica: da implantação à expansão para promoção da saúde. **REVISTA SAÚDE & CIÊNCIA**, v. 9, n. 1, p. 130-151, 2020. Disponível em: <https://rsc.revistas.ufcg.edu.br/index.php/rsc/article/view/385>. Acesso em: 24 jul. 2022.

DAHER, Ana Claudia Broza et al. Plantão psicológico a partir de uma escuta psicanalítica. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, v. 38, n. 2, p. 147-158, 2017. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/32074>. Acesso em: 19 fev. 2023.

DOESCHER, Andréa Marques Leão; HENRIQUES, Wilma Magaldi. Plantão psicológico: Um encontro com o outro na urgência. **Psicologia em Estudo**, v. 17, p. 717-723, 2012.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pe/a/jNLH8JRLF5SZ5kx6KSGmDwK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 29 jun. 2022.

FURIGO, Regina Célia Paganini Lourenço et al. Plantão psicológico: uma prática que se consolida. **Boletim de Psicologia**, v. 58, n. 129, p. 185-192, 2008. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432008000200006.

Acesso em: 29 jun. 2022.

GOMES, Fernanda Maria Donato. Plantão psicológico: Atendimentos em situações de crise. **Vínculo-Revista do NESME**, v. 9, n. 2, p. 18-26, 2012. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/1394/139430263003.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2022.

GONÇALVES, Lorrany de Oliveira; FARINHA, Marciana Gonçalves; GOTO, Tommy Akira. Plantão psicológico em Unidade Básica de Saúde: atendimento em abordagem humanista-fenomenológica. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 22, n. 2, p. 225-232, 2016. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/3577/357748351015.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MEDEIROS, Antônio Gabriel Araújo Pimentel de et al. Plantão psicológico cognitivo-comportamental na pandemia da CoViD-19. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 17, n. 1, p. 58-65, 2021. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872021000100008.

Acesso em: 20 jan. 2023.

MONTEIRO, Cláudia Aline Soares; BEZERRA, Edson do Nascimento. Implantação e implementação de um Serviço de Plantão Psicológico Centrado na Pessoa. **REVISTA SAÚDE & CIÊNCIA**, v. 9, n. 1, p. 58-77, 2020. Disponível em:

<https://www.rsc.revistas.ufcg.edu.br/index.php/rsc/article/view/380>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MOTA, Saulo Tavares; GOTO, Tommy Akira. Plantão psicológico no CRAS em Poços de Caldas. **Fractal: revista de psicologia**, v. 21, p. 521-529, 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/fractal/a/7kc6bDJZjbGGnVqN3zdZ3Rv/?lang=pt&format=html>.

Acesso em: 28 jan. 2023.

PALMIERI, Tatiana Hoffmann; CURY, Vera Engler. Plantão psicológico em hospital geral: um estudo fenomenológico. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 20, p. 472-479, 2007.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/prc/a/7ZpfjKNjbrppy8F3BF6BDJc/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 20 jan. 2023.

PAPARELLI, Rosélia Bezerra; NOGUEIRA-MARTINS, Maria Cezira Fantini. Psicólogos em formação: vivências e demandas em plantão psicológico. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 27, p. 64-79, 2007. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pcp/a/KJXv6N8sd5SJDwntPYsr9xC/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 16 fev. 2023.

ROGERS, Carl Ransom Rogers; , KINGET, G. Marian. **Psicoterapia e relações humanas: teoria e prática da terapia não-diretiva**. Tradução Maria Luisa Bizzotto. Belo Horizonte: Interlivros, v. 1, 1ª ed. 1977a.

ROGERS, Carl Ransom Rogers; , KINGET, G. Marian. **Psicoterapia e relações humanas: teoria e prática da terapia não-diretiva**. Tradução Maria Luisa Bizzotto. Belo Horizonte: Interlivros, v. 2, 2ª ed. 1977b.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Plantão psicológico e o cuidado na urgência: panorama de pesquisas e intervenções. **Psico-USF**, v. 20, p. 163-173, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psuf/a/G7sNXf8hfZfJFSxZTZHCnR/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 29 jun. 2022.

SOUZA, Bianca Nascimento de; SOUZA, Airle Miranda de. Plantão psicológico no Brasil (1997-2009): saberes e práticas compartilhados. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 28, p. 241-249, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/H8r4Wp9nySM3k7N4H9Gs6Qj/?lang=pt>. Acesso em: 29 jun. 2022.

SOUZA, Edvalda Ludmilla Cunha de; BARROS NETA, Fernanda Teixeira de; VIEIRA, Emanuel Meireles. Interface do plantão psicológico e as políticas de assistência social. **Revista do NUFEN**, v. 4, n. 2, p. 71-82, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912012000200008. Acesso em: 20 jan. 2023.

SOUZA, Sandra; NETO, Delby Fernandes de Medeiros. O lugar da extensão universitária em plantão psicológico na formação clínica do estudante de Psicologia da UFPB. **REVISTA SAÚDE & CIÊNCIA**, v. 9, n. 1, p. 24-41, 2020. Disponível em: <https://www.rsc.revistas.ufcg.edu.br/index.php/rsc/article/view/378>. Acesso em 20 jan. 2023.

TASSINARI, Marcia Alves. **A clínica da urgência psicológica: Contribuições da abordagem centrada na pessoa e da teoria do caos**. 2003. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/317465788_A_Clinica_da_Urgencia_Psicologica_Contribuicoes_da_Abordagem_Centrada_na_Pessoa_e_da_Teoria_do_Caos. Acesso em: 22 fev. 2023.

TASSINARI, Marcia Alves; DURANGE, Wagner. Plantão psicológico e sua inserção na contemporaneidade. **Revista do NUFEN**, v. 3, n. 1, p. 41-64, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912011000100004. Acesso em: 29 jun. 2022.

VIEIRA, Emanuel Meireles; BORIS, Georges Daniel Janja Bloc. O plantão psicológico como possibilidade de interlocução da psicologia clínica com as políticas públicas. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 12, n. 3, p. 883-896, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844639010.pdf> . Acesso em: 29 jun. 2022.